

A ESCRITA VIAJANTE: NARRATIVAS DOS CIENTISTAS SOBRE A ILHA DE SANTA CATARINA - SÉCULOS XVIII E XIX

Luciana Rossato¹

Resumo: Nosso objetivo neste artigo é analisar como se constituíram as obras escritas pelos viajantes naturalistas. Para isto utilizaremos os relatos produzidos pelos cientistas que visitaram a região da Ilha de Santa Catarina durante os séculos XVIII e XIX. Da mesma forma como a formação do viajante influenciou no modo de observar a região no qual se encontrava, também influenciou na forma de organizar sua escrita. A maneira como os relatos foram organizados, os temas, a seqüência na qual eram descritos o que era visto são alguns dos aspectos que serão interpretados. Além disso, o tipo de material (diário, relatório científico ou carta) e o público a quem eram voltados estes textos, contribuíram para definir os recursos estilísticos a serem utilizados na escrita do viajante.

Palavras-chave: narrativas, cientistas viajantes, Ilha de Santa Catarina.

Abstract: Our aim in this article is to analyze how the works written by the naturalist travelers were constituted. For that, we will make use of the reports produced by the scientists who visited the Santa Catarina island region during the 18th and 19th centuries. The same way the traveler's formation influenced the way of observing the region where they were, it also influenced the way of organizing their writing. The way the report was organized, the themes, the sequence in which what was seen was described are some of the aspects which are going to be rendered. Besides,

¹ Doutora em História pela UFRGS e professora na Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI). As discussões presentes neste artigo foram desenvolvidas em minha tese de doutorado: *A Lupa e o Diário: História Natural, viagens científicas e relatos sobre a Capitania de Santa Catarina (1763-1822)*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005. Para a realização da mesma contei com o financiamento da CAPES.

the kind of material (diary, scientific report or letter) and the target audience of these texts, contributed to define the stylistic resources to be used in the traveler's writing.

Keywords: narrations, traveling scientists, Santa Catarina island

Diários e outros textos elaborados a partir de viagens realizadas por seus autores são bastante utilizados como fontes pelos historiadores. Escritos por indivíduos que se encontravam na posição de estrangeiro, e devido a isto, tinham “condições de perceber aspectos, incoerências e contradições da vida cotidiana que o habitante, ao dá-la como natural e permanente, encontrava-se incapaz de perceber”.(MOREIRA LEITE, 1997: 9-10). Este tipo de obra difundiu-se na Europa devido à necessidade de conhecimento sobre regiões “periféricas” e seus habitantes, o desenvolvimento científico, entre eles os estudos vinculados a História Natural foram alguns dos fatores motivadores das inúmeras viagens que aconteceram com maior frequência no século XIX. No Brasil, tornou-se, já no século XIX, importante fonte utilizada pelos historiadores para a construção da história nacional. Em 1847, o viajante Karl von Martius vence o primeiro concurso patrocinado pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, intitulado “Como se deve escrever a História do Brasil”. Este trabalho, publicado pela Revista do IHGB, acabou por “delinear os princípios e diretrizes norteadores de como se pensar uma história nacional no Brasil” (GUIMARÃES, 2000: 395).

Neste artigo gostaríamos de discutir algumas questões relativas aos relatos produzidos pelos viajantes que estiveram na Ilha de Santa Catarina no final do século XVIII e início do século XIX. Qual a importância que os viajantes, ou seja, os autores dos relatos, davam à produção desses registros da viagem? O que era relatado nestas obras? Esses relatos possuíam características comuns de forma a definir um padrão ou cada viajante tinha uma forma de escrever diferenciada e única? Vários estudos sobre este tema nos mostram que, conforme a época, as motivações dos indivíduos que empreendiam as viagens eram distintas. A maneira de relatar as experiências vividas também era distinta? Essas e outras questões serão discutidas no decorrer deste texto. Não temos a pretensão de respondê-las, mas sim de iniciar algumas reflexões que nos permitam melhor trabalhar com esse tipo de fonte histórica.

Um primeiro aspecto que gostaríamos de pontuar é a relação de antecedência e de tutela entre o relato e a viagem. Como o próprio nome estabelece, o relato de viagem torna-se possível a partir da realização da própria viagem. Segundo Roland Le Huenen, “ver, fazer ver e fazer saber será desde o início o programa do viajante” (LE HUENEN, 1990: 16). Nem todos os relatos de viagem foram escritos ao mesmo tempo em que a viagem estava sendo realizada. Muitos foram escritos posteriormente, utilizando como referência as anotações feitas durante a viagem e também, em alguns casos, pesquisando em relatos elaborados por outros viajantes que estiveram na mesma região. Não podemos, no entanto, deixar de lembrar que foram publicados inúmeros relatos de viagens imaginárias, onde o ato de viajar faz parte do esforço de evasão e de utopia. Num esforço de fugir da realidade, vista como alienação, inferno e sofrimento, autores de ficção, poetas e místicos escreveram obras nas quais a viagem é o tema principal e o texto está estruturado em forma de relato. Nesses relatos de viagens imaginárias, a viagem não antecede a escrita do relato. Entre essas obras podemos citar as *Viagens de Gulliver*, de J. Swift, escrita em 1722.²

O que caracteriza o relato de viagem em relação a outros tipos de obras literárias? Yasmine Marcil confessa sua dificuldade de definir o que é um relato de viagem. Segundo ela, no século XVIII esse texto é um tipo de escritura que contempla ou então circula entre a memória, a história, a descrição de aventuras, as informações geográficas (MARCIL, 2000: 75). Roland Le Huenen salienta que “o relato de viagem apresenta, portanto, esta característica de constituir um gênero sem lei” (LE HUENEN, 1990: 14). Além disso, sua apresentação também pode ser diversa: diário de viagem, cartas, autobiografias e ensaio antropológico. Mas são esses mesmos autores que definem alguns aspectos comuns. Entre eles salienta-se que o relato tem uma função didática, uma vez que ele tem a preocupação em ser um veículo de informações sobre outras regiões (LE HUENEN, 1990: 19). Outros critérios comuns aos relatos de viagens produzidos nos séculos

² Fernando Cristovão salienta que “tão natural é a ligação do maravilhoso com a viagem que lhe dá acesso, que também a viagem real dificilmente escapa a ser descrita em termos de ficção. Mas respeitando uma diferença fundamental: na narrativa da viagem real, a estrutura assenta na verdade ou na verossimilhança, sendo os elementos imaginários meros ornatos; na narrativa de viagem imaginária, é ao relato que cabe o papel de ornamento” (CRISTOVÃO, 1999: 51).

XVIII e XIX referem-se à sua escritura. Os relatos são marcados pela alternância entre narração e descrição, a natureza das descrições, a presença do narrador no texto e a organização do relato segundo um itinerário (MARCIL, 2000: 71).

Após estas considerações iniciais, passamos a análise dos relatos escritos pelos cientistas viajantes e que tinham como tema a Ilha de Santa Catarina. Esta região, localizada ao sul do Império Português na América, era ponto de parada das embarcações, principalmente nos períodos em que a cidade do Rio de Janeiro era evitada devido os constantes surtos epidêmicos. Na ilha, os barcos eram reparados, abastecidos com água, alimentos e madeira, a fim de enfrentar a travessia do Cabo Horn em direção ao Oceano Pacífico. O conjunto que selecionamos para estudo é formado por sete (7) europeus que estiveram nesta região entre os anos de 1763 e 1822. Estes viajantes e seus relatos foram escolhidos por constituírem um grupo que tinha em comum o fato de serem cientistas. Eram viajantes que tinham como motivação principal a coleta e o estudo de espécimes vegetais, naturais e em menor escala, minerais. Alguns deles estavam a serviço de instituições européias, como o Jardin de Plants de Paris, enquanto outros viajavam por conta própria e tinham como principal fonte de financiamento da viagem a venda do que era coletado ou o adiantamento sobre o futuro relato da viagem. Segundo Lorelei Kury, o coletor e o sistematizador, funções necessárias para a transformação da natureza em ciência, muitas vezes não eram realizados pela mesma pessoa. Apesar da importância da viagem, devido a descoberta e coleta de novas espécimes, para a “história natural realizada nas instituições européias, ver com os próprios olhos não é necessário” (KURY, 2001: 867). A escrita do relato de viagem era uma forma do viajante decifrar para o público, que não havia visto com os próprios olhos, esse mundo desconhecido. Neste esforço de tornar inteligível o não visto, o não vivenciado, utiliza-se de vários recursos no momento de transformar a experiência em texto narrado.

Antoine Joseph Pernetty³ inicia seu relato com as seguintes palavras: “Foi a 23 (novembro 1763) que nos apercebemos pela

³ Antoine Joseph Pernetty nasceu em 13.02.1716 em Roanne. Esteve em Santa Catarina entre 23 de novembro e 15 de dezembro de 1763 como membro da expedição de Bougainville. De formação religiosa, era apaixonado pela história natural.

primeira vez da terra do Brasil, cerca de 15 léguas de distância” (PERNETTY, 1996: 78). Aspectos semelhantes podem ser percebidos na forma como Adalbert von Chamisso⁴ inicia o seu: “A 9 de dezembro (1815) observamos faixas de água esverdeadas, menos largas do que outras de tonalidade cinza-amarelada. Exalam um cheiro podre muito penetrante” (CHAMISSO, 1996: 232). O início da parte referente a Ilha de Santa Catarina nos dois relatos se dá pelo dia em que a região é avistada. Como muitos outros autores de relatos de viagem, a forma escolhida para iniciar foi a descrição da primeira impressão sobre a terra na qual eles estavam chegando. Os dois autores utilizam o relato linear, descrevendo os acontecimentos na seqüência temporal e espacial na qual a viagem se desenvolveu, muitas vezes com a citação do dia em que os acontecimentos se passaram, o que permite ao leitor acompanhar o desenrolar da viagem. No entanto, em outros aspectos, eles se diferenciam. Pernetty inicia seu relato descrevendo a baía, os fortes e outros detalhes técnicos úteis à navegação. A primeira edição de seu relato foi publicada em Berlim no ano de 1769, seis anos após ter passado pela Ilha de Santa Catarina. Além disso, ele produziu um relato de viagem voltado para o estudo da História Natural. Do total de páginas que escreveu sobre sua breve passagem pelo Sul do Brasil, $\frac{3}{4}$ foram dedicadas a descrições de plantas e animais e somente $\frac{1}{4}$ descreviam os dias passados na Ilha de Santa Catarina.⁵ No entanto, essa divisão não é estanque. O inventário das plantas e animais encontrados, suas características físicas, sua utilidade prática são intercalados com histórias do cotidiano das populações locais. Para fazermos uma breve comparação, na obra de Chamisso, não se encontra essa divisão. Comentários pessoais sobre a região, sua população e seus costumes misturam-se com informações de História Natural. Uma possibilidade de explicação para as diferenças na forma de redigir possivelmente se deve ao fato desses autores terem viajado em dois períodos distintos. Pernetty viajou durante os anos de 1763 e

⁴ Adalbert von Chamisso nasceu em 27.01.1781 em Champagne. Esteve em Santa Catarina entre 12 e 27 de dezembro de 1815. Dedicou-se ao estudo da botânica após a saída do exército. Participou da expedição comandada por Kotzebue e financiada pelo governo russo com o objetivo de explorar o Pacífico Norte.

⁵ Na edição que estamos utilizando como base para nosso estudo, 20 páginas foram dedicadas a História Natural e 6 páginas para a descrição dos dias passados na Ilha de Santa Catarina (PERNETTY, 1996: 80-108).

1764, enquanto Chamisso participou de uma expedição de circunavegação realizada durante os anos de 1815 a 1818. Mais de meio século separaram as duas viagens, seus autores e seus respectivos relatos. Meio século de muitas mudanças na Europa e no desenvolvimento da História Natural, entre as quais podemos citar a Revolução Francesa e suas conseqüências no jogo de forças políticas na Europa e nas colônias, entre elas o Brasil.

Gostaríamos de acrescentar a primeira impressão de outro viajante, Georg von Langsdorff⁶ que, em 1803, estava realizando sua primeira viagem à América. Segundo ele, “o panorama da paisagem à nossa frente, coberta de flores multicores, prometia-nos a todo instante o maior prazer durante a nossa estada naquele lugar e o mais confortável bem-estar” (LANGSDORFF, 1996: 161). A beleza, a exuberância da paisagem, nova para ele, foi o que mais lhe impressionou. A natureza, além de campo de estudo, é fonte de prazer e deleite. Apesar de em alguns momentos os viajantes deixarem-se levar pela emoção na escritura do relato, não era isto o que se esperava deles. No século XIX, o objetivo era

produzir conhecimento científico seguro, esquadrinhando cuidadosamente as regiões para construir um painel que abrigasse desde as características físico-geográficas das áreas visitadas, até as características sociais e políticas dos povos que a habitavam. (GUIMARÃES, 2000: 396)

Alguns viajantes deixaram registrados aspectos do trabalho científico que realizaram durante o período da viagem. Auguste de Saint-Hilaire⁷ comenta que, ao final do dia, quando paravam para

⁶ Georg von Langsdorff nasceu em 18.04.1774. Esteve em Santa Catarina entre 20 de dezembro de 1803 e 04 de fevereiro de 1804. Formado em medicina, fazia parte da expedição de circunavegação comandada por Adam von Krusenstern, financiada pelo governo russo. Posteriormente Langsdorff fixou no Brasil exercendo o cargo de cônsul da Rússia. Realizou outras expedições pelo interior do país, sendo a mais conhecida a realizada entre os anos de 1822 e 1829.

⁷ Auguste de Saint-Hilaire, botânico vinculado ao Jardim des Plants de Paris, nasceu em 1779 na cidade de Órleans. Viajou para o Brasil como membro da comitiva diplomática do Duque de Luxembourg. Viajou pelo interior do país durante seis anos. Esteve em Santa Catarina entre 07.04. 1820 e 06.06.1820.

dormir e após um dia de coleta, dedicava-se ao registro em seu diário: “minha cama também foi armada dentro da carroça, sobre as canastras; foi também nela que o prestimoso Laruotte guardou as plantas e que eu escrevi meu diário” (SAINT-HILAIRE, 1978: 206). Pernetty, por sua vez, registra o trabalho que teve para desenhar uma “mosca luminosa”. Enquanto estava na Ilha de Santa Catarina ele havia coletado alguns exemplares do inseto, mas como os guardou, ainda vivos, num cartucho de papel para desenhá-los no dia seguinte, os insetos conseguiram fugir após furar o papel. Na região do Rio da Prata também foram surpreendidos pelos mesmos insetos. Desta vez, Pernetty prendeu algumas das “moscas luminosas [...] em uma taça de vidro coberta com uma outra [...] na manhã do dia seguinte tirei uma das taças e piquei-a com um alfinete para fixá-la na madeira da mesa e fazer um desenho” (PERNETTY, 1996: 21). Os viajantes tinham a preocupação de, além de coletar espécies vegetais e animais, fazerem anotações sobre as mesmas, fossem estas escritas ou desenhadas. Isto era de extrema importância para o estudo científico, como salienta o relatório feito sobre a viagem de Saint-Hilaire e assinado por vários estudiosos franceses. Neste estudo, lido numa sessão da Académie Royale de Sciences, Institut de France, consta que, além da grande quantidade de exemplares coletados, o viajante elaborou um

diário exato de sua viagem, anotou todas as informações que ele pode adquirir sobre a estatística dos países visitados, sobre os costumes dos habitantes, suas línguas, seu comércio, seus hábitos, etc. Viajando mais especialmente para a pesquisa dos vegetais, ele fez a descrição das espécies recolhidas, sobretudo daquelas que os brasileiros fazem uso para a medicina e as artes. (RAPPORT, 1823: 07)

Como podemos perceber pela citação, a produção escrita de um diário de viagem era valorizada, uma vez que possibilitaria a outros estudiosos obter informações complementares que contribuiriam para o estudo científico do que havia sido recolhido. Um exemplo de como o material coletado, juntamente com as anotações feitas durante a viagem, renderiam vários anos de estudos, não somente do cientista viajante, mas também de colegas e discípulos, é o caso de Spix e

Martius. Logo após o retorno à Munique, em dezembro de 1820, os cientistas bávaros dedicaram-se à escrita do relato de viagem, ao mesmo tempo em que trabalham em suas obras botânicas e zoológicas. Com a ajuda de seu assistente, Spix conseguiu descrever cerca de 550 espécies desconhecidas da fauna do Brasil até 1826, ano em que veio a falecer. A edição de seu trabalho, bem como de seus apontamentos, ficaram sob a responsabilidade de Martius e do professor de zoologia da Universidade de Munique, que assumiu a cadeira anteriormente ocupada pelo estudioso na Academia de Ciências. Martius morre no ano de 1868. Após 48 anos dedicados ao estudo do material trazido do Brasil, somente um terço do trabalho havia sido concluído. Foram necessários 66 anos, cerca de 60 botânicos de vários países para descrever as mais de 22.000 espécies de plantas coletadas durante os quatro anos em que permaneceram no Brasil (LISBOA, 1997: 50-85).

No que se refere a forma de organização do texto, Pernetty e Chamisso o estruturaram a partir do tempo cronológico, como muitos outros viajantes. Nesse ponto, os dois relatos se assemelham, enquanto que, como já havíamos comentado anteriormente, em outros aspectos eles se diferenciam. Um destes é o que, na ausência de um termo melhor, poderíamos chamar de 'subjetividade do viajante'. Com esse termo queremos salientar a presença do sujeito. O viajante, na redação de seu texto, se coloca como um indivíduo que não só vivenciou a viagem, mas principalmente foi afetado pela experiência do contato com o novo. Essa característica torna-se cada vez mais presente nos relatos a partir do final do século XVIII. Na citação anterior, que inicia a descrição de Chamisso sobre a Ilha de Santa Catarina, podemos perceber melhor essa questão quando o autor diz que as águas da região litorânea "exalavam um cheiro podre muito penetrante". O autor utiliza-se de um sentido, neste caso, o olfato, a fim de acrescentar informações à busca de conhecimentos sobre a região. Na seqüência do texto, o mesmo autor explicita melhor como critérios subjetivos interferem na redação de seu relato de viagem. Apesar de ser membro de uma viagem científica, os fatores que definem o que deve ser escrito não passam necessariamente por critérios vinculados à ciência. Para ele, "somente aquilo que despertou dentro do meu ser viva impressão é que transmito aos amigos, ainda que me falem palavras" (CHAMISSO, 1996: 232).

A presença do autor no texto pode ser constatada através dos tempos verbais. Em todos os relatos selecionados os autores utilizam o verbo na primeira pessoa do singular ou, o que é mais comum, na primeira pessoa do plural, o que abarcaria também seus companheiros de viagem: vimos, observamos são alguns dos mais usados. O viajante se implica no texto, colocando-se como o sujeito da narração, que é marcado pelo “eu” e pelo “nós”. Além disso, em alguns momentos os autores dos relatos se posicionam enquanto um indivíduo que, além de ter estado presente no local que está descrevendo, foi afetado por tudo o que vivenciou. Chamisso, no início de seu texto escreve: “quero ter a franqueza de dizer alguma coisa de útil sobre o Brasil” (CHAMISSO, 1996: 232). É ele que vai comentar sobre o país onde estão ancorados. Pernetty também relata, em alguns momentos, opiniões e sensações pessoais, como quando descreve o sabor da banana: “tem também o gosto do marmelo amadurecido demais, quando se a mistura à polpa. Afirma-se que é um alimento muito bom. Eu não achei nada admirável; comi-a crua e cozida, madura e verde, sem apreciar seu sabor” (PERNETTY, 1996: 104). Outro que não consegue abster-se em seu texto, talvez devido às fortes impressões causadas pela paisagem que teria que reproduzir, foi o artista viajante Louis Choris⁸. Em seus breves comentários explicativos das pranchas que pintou, deixou registrado que na Ilha de Santa Catarina “descobrem-se sempre novas ocasiões para se extasiar ante a visão de inesgotável fecundidade da natureza” (CHORIS, 1996: 245).

Como já comentamos anteriormente, o olhar do cientista viajante possui algumas especificidades. Para Ana Maria Belluzzo, “o *ver* não é uma ocorrência natural e sim um fato histórico, interligado aos critérios de valoração e aos modos operativos de que o homem dispõe” (BELLUZZO, 1989: 18). Salienta que as obras produzidas pelos viajantes constituem-se por ser uma história de pontos de vista

⁸ Louis Choris era um artista viajante. Tinha como função registrar em imagens as paisagens das diferentes regiões visitadas. Fazia parte da expedição de Kotzebue, a mesma que trouxe Chamisso. Nasceu em 22 de março de 1795 em Iekaterinoslav. Esteve em Santa Catarina entre os dias 12 e 27 de dezembro de 1815. Produziu quatro pranchas sobre Santa Catarina publicadas em 1826 na obra *Vues et paysages des régions équinoxiales recueillis dans un voyage autour du monde*.

distintos, de distâncias entre diferentes focos de observação, de “triangulações do olhar”. Além de observar a vida e a paisagem americana, é necessário analisar a espessa camada da representação que se produziu a partir do olhar desses viajantes. Essas fontes evidenciam versões, apontam a forma como as culturas se percebem e percebem as outras, estabelecendo diferenças e semelhanças, contribuindo para elaborar identidades, tanto do grupo visitado como das regiões de onde os viajantes vieram, ou seja, da Europa (BELLUZZO, 1989: 10).

Para entendermos como se constituía a forma de olhar do viajante, um caminho possível, além da análise dos relatos, é compreendermos qual era a concepção de olhar para os europeus, mais especificamente o europeu influenciado pela ilustração. Na obra *Encyclopédie*, elaborada no século XVIII, entre as várias definições do verbo e substantivo olhar (regarder) existe uma que é a relação entre o olhar e a visão. Entre os vários verbetes, encontra-se o que diz que “não se vê sempre o que se olha, mas se olha sempre o que se vê”. Essa preocupação não se encontra mais no *Grand Larousse*, obra de referência atual. Para o viajante, influenciado pela ilustração, não era suficiente ver, era preciso ver tudo, e para isso era necessário educar o olhar, adestrá-lo, dirigi-lo, para desta forma observar corretamente o objeto. Segundo Sérgio Paulo Rouanet

o enciclopedista está subentendendo, ao dizer que nem sempre se vê tudo o que se olha, que essa visão parcial é imperfeita, anômala, deficitária, e que o ideal humano é o da visibilidade irrestrita. Ele não pode ser atingido, mas deveria ser constantemente visado. A frase descritiva converte-se, assim, numa frase prescritiva: é preciso ver tudo. (ROUANET, 1988: 128)

Os relatos dos viajantes europeus são aqui entendidos enquanto representações sobre o outro, enquanto um instrumento para reconstituir uma determinada visão do passado, mas eles também são, bem como seus autores, parte do acontecer histórico. Nessa perspectiva, entender o contexto que influenciou e formou este cientista viajante é imprescindível para melhor analisarmos suas falas.

A vinculação dos viajantes com sua sociedade de origem, européia, iluminista, e sua formação científica, influenciava a forma

como os cientistas iriam observar e descrever as regiões visitadas. Segundo Michel Foucault, o principal fator que diferencia a forma de ver dos viajantes europeus do final do século XVIII e início do século XIX em relação aos viajantes que os antecederam foi o desenvolvimento da História Natural. Para ele a História Natural nada mais é do que a nomeação do visível. Essa nova forma de olhar, no qual são aproximadas à linguagem do olhar e as coisas olhadas da linguagem, se constituiu a partir de exclusões e limitações. Por um lado é excluído o gosto, o sabor, o som, uma vez que estes conhecimentos são marcados pela incerteza; por outro lado, a utilização do tato é limitada. Privilegia-se quase que exclusivamente o olhar, de tal forma que

observar é, pois, contentar-se com ver. Ver sistematicamente pouca coisa. Ver aquilo que, na riqueza um pouco confusa da representação, pode ser analisado, reconhecido por todos e receber, assim, um nome que cada qual poderá entender. (FOUCAULT, 1992: 148)

Mas nem tudo o que é percebido pelo olhar pode ser aproveitado, como pôr exemplo as cores. Dessa forma, definem-se os objetos da História Natural: linhas, formas, relevos, superfícies. Essa mudança de escala na observação torna-se possível com o uso do microscópio e de lentes. No entanto, para melhor observar, existe a necessidade de renunciar outras formas de se alcançar o conhecimento, seja ele através dos outros sentidos ou através do ouvir-dizer (FOUCAULT, 1992: 146-147). Esse olhar, além de ser europeu, era também de um cientista, o que significa que era detentor de um esquema próprio de classificação, um esquema estranho, estrangeiro para a maioria das pessoas e, principalmente, para aquelas que estavam sendo observadas e que posteriormente seriam descritas nos relatos. Luciana de Lima Martins salienta que o viajante é sempre um estrangeiro, um indivíduo estranho à cultura local, alguém que a todo momento está negociando o que vê, as diferenças culturais com as quais se depara. A partir de seu mundo, o viajante pensa o outro e o seu próprio mundo. A fim de melhor explicar o diferente, ele automaticamente o ordena, o classifica, a partir de seus códigos. Isto não significa que o mundo “de fora”, o mundo que está sendo descrito

pelo viajante seja sempre passível de ser ordenado. Assim, existe uma brecha entre a intenção oficial do viajante e o que realmente é produzido, uma vez que nem sempre o que escreve está sob o seu domínio. As descrições de viagem comportam um espaço para a subjetividade, para o que não pode ser controlado neste encontro entre diferentes (MARTINS, 2001: 36).

Na construção da escrita de muitos viajantes, principalmente quando descrevem as vilas e as cidades onde se encontram, podemos perceber como o olhar, a visão, é utilizada como a principal forma de se apropriar do local visitado. O texto é escrito de forma a acompanhar o olhar do visitante sobre a cidade, enquanto este se desloca pelas suas ruas. Auguste de Saint-Hilaire utiliza-se desse recurso quando descreve Nossa Senhora do Desterro:

A cidade é dividida em duas partes desiguais por uma grande praça, que ocupa quase toda a sua largura e vai em declive suave até a beira da água. A praça é retangular e coberta por uma fina relva, medindo aproximadamente noventa passos de largura por trezentos de comprimento desde a beira d'água até a igreja paroquial, onde termina.

Essa igreja, dedicada a Nossa Senhora do Desterro, prejudica a simetria da praça, já que não tiveram o cuidado de construí-la a igual distância das duas fileiras de casas, além de a colocarem em posição oblíqua em relação à beira do mar. Ela é grande e tem duas torres, mas não me pareceu que tivesse uma largura proporcional à sua altura. Sobe-se até ela por uma pequena rampa margeada por dois muros de arrimo, a qual vai desembocar numa pequena plataforma em meia-lua. Na base desta elevação há uma alta palmeira, cuja elegante folhagem, que se agita à mais leve brisa, contrasta com a imobilidade do prédio ao qual ela serve de ornamento. No seu interior, a igreja tem forro e é bem iluminada, mas achei-a menos limpa do que em geral são as igrejas no Brasil. (SAINT-HILAIRE, 1978: 170)

E assim ele continua descrevendo a cidade: as capelas, o hospital, a Câmara Municipal, o Palácio do Governo, etc. Na seqüência, seu relato desloca-se para a economia, para a população, para as mulheres, descrevendo-as fisicamente, bem como seu comportamento diante de estranhos. Essas descrições são intercaladas

por comparações com a Europa e com opiniões pessoais do viajante.

Outros viajantes também se utilizam do recurso que transforma a descrição da cidade num guia e que representa o viajante caminhando pela cidade. Pierre Berthiaume salienta a forma como o viajante François-Xavier de Charlevoix descreve Quebec (atualmente uma cidade do Canadá) quando de sua viagem no ano de 1720. Essa forma de apresentar o texto, como se, ao mesmo tempo em que está passeando pela cidade estivesse escrevendo, segundo Pierre Berthiaume é “pura retórica”. Mesmo que Charlevoix tenha tomado notas enquanto passeava, a redação da carta deu-se sobre uma mesa de trabalho e utilizando um mapa da vila de Quebec feito pelo engenheiro Chaussegros de Léry. Segundo o estudioso, o mundo passa a existir a partir do olhar, que lhe dá um sentido, investido pela subjetividade daquele que ordena as coisas, ao mesmo tempo que as esclarece (BERTHIAUME, 1990: 351).

Utilizando as reflexões de Paul Ricouer quando diz que o “fazer narrativo re-significa o mundo na sua dimensão temporal, na medida em que contar, recitar, é refazer a ação” (RICOUER, 1994: 124), podemos concluir que, no momento em que o viajante se utiliza da palavra escrita para descrever ou narrar o que ocorreu durante sua viagem, seja através de cartas, diários ou monografias, de certa forma ele está refazendo sua viagem, o que viu e sentiu. No entanto, devemos também salientar que o relato, apesar da pretensão de restituir o que ocorreu, é um texto que possui limites e cuja redação enfrenta dificuldades. Segundo Nicole Hafid-Martin, para os cientistas viajantes, os relatos se opõem ao projeto puramente literário. Para eles, o relato de viagem “é um suporte textual muito antes de ser o lugar de uma aventura; também não são jamais a simples transposição dos diários redigidos durante a viagem” (HAFID-MARTIN, 1995: 64). Isto significa que o trabalho da redação do relato passa por rever as anotações, ler outros relatos a fim de analisar as mudanças e fazer as correções e retificações que se fazem necessárias. Entre os viajantes que analisamos, praticamente todos fazem, em algum momento, menção a outros viajantes, mas o que mais se utiliza de referências e faz retificações, sem dúvida, é Auguste de Saint-Hilaire.

Alguns recursos são largamente utilizados nos relatos. Entre eles encontram-se o inventário do que foi encontrado e as comparações. Pernetty, na segunda parte de seu texto, enumera os tipos de animais e

plantas que encontrou na Ilha de Santa Catarina. Cada um é acompanhado por sua respectiva descrição, na qual normalmente consta tamanho, formato, cor e outras informações. Em alguns trechos consta o sabor, quando o que está sendo descrito for comestível, e sua utilidade. O autor utiliza o recurso das comparações com plantas e animais conhecidos dos europeus a fim de, através delas, possibilitar ao leitor ter uma idéia mais precisa do que está sendo descrito. É o que ocorre quando ele descreve as gralhas, nome “que os portugueses dão a uma espécie de ‘corneille’, cuja plumagem é de um belo azul terno. São, dizem eles, os corvos da região” (PERNETTY, 1996: 97). O inventário do que encontrou e a comparação são recursos utilizados por Pernetty e por outros viajantes, entre eles Saint-Hilaire, que se utiliza deles para descrever a população, ou então o nível de desenvolvimento da região: “os agricultores da Ilha de Santa Catarina não são nem de longe tão ativos, evidentemente, quanto os camponeses da França e da Alemanha; entretanto, eles me pareceram bem mais industriais do que comumente os fazendeiros do interior” (SAINT-HILAIRE, 1978: 174). Os fazendeiros a quem ele se refere provavelmente são os que ele encontrou quando viajou pelo interior das Províncias de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo. Georg von Langsdorff também utiliza o recurso da comparação ao descrever um tipo de transporte, usado na região: “estas ‘cadeirinhas’ não são como as nossas, fechadas por portas e janelas de vidro; elas se assemelham a uma poltrona provida de encosto bem vertical, coberta por um baldaquim enfeitado” (LANGSDORFF, 1996: 168). Outros exemplos nos quais o viajante utiliza esse recurso se repetem nos textos pesquisados.

O que nos interessa pontuar é que essa forma de escrever foi utilizada por vários viajantes e constitui um aspecto comum em muitos relatos de viagens. Para Roland Le Huenen, “o discurso do viajante empenha-se em reconstruir o mundo segundo um modelo conhecido, de reduzir as distâncias e as diferenças, e de projetar sobre a nova realidade a forma de um sentido já conhecido” (LE HUENEN, 1990: 18). Isto também é salientado no estudo de Pierre Berthiaume. Para ele, as comparações inscrevem artificialmente as coisas numa estrutura já conhecida, ao mesmo tempo em que reduzem a especificidade e a singularidade do universo americano (BERTHIAUME, 1990:341). Podemos acrescentar que a utilização

do recurso da comparação propicia a falsa ilusão de compreender e conhecer, uma vez que insere o novo em categorias mentais conhecidas e largamente utilizadas, da mesma forma que inventariar o que foi coletado, descrevê-lo e posteriormente renomeá-lo com nomes em latim marca uma tomada de posse, a inscrição destas coisas no mundo classificado, ordenado e hierarquizado dos museus. A estrutura que norteia a escrita do relato espelha, de certa forma, o mundo mental dos cientistas e da ciência européia da época.

Um outro recurso utilizado pelos viajantes na escrita de seus relatos é a 'bricolage', na qual, para descrever um animal ou outra coisa desconhecida, é montada uma colcha de retalhos utilizando partes de diferentes animais conhecidos. Entre os cientistas viajantes que estão sendo estudados, este recurso não é muito utilizado. Provavelmente devido ao fato de a natureza da América não ser mais totalmente desconhecida, ou então, em decorrência da utilização entre os cientistas viajantes do desenho, recurso que foi mais utilizado do que entre outras categorias de viajantes.

Saint-Hilaire utiliza um método interessante para inventariar os animais e plantas: "entre as espécies comuns posso citar a *Sophora littoralis* (feijão-da-praia), a *Avicennia* n° 1665, a *Escrofulariácea* n° 1589". Mais adiante ele também utiliza esse recurso enquanto descreve uma região ao sul da Capitania de Santa Catarina:

diante de sua entrada, do lado da lagoa, vêem-se ilhas rasas e pantanosas, cobertas unicamente pela Gramínea n° 1667, as quais servem de refúgio para as garças brancas n° 345, bem como para outras aves aquáticas (SAINT-HILAIRE, 1996: 199)

A utilização da nomenclatura em latim é comum entre os cientistas viajantes, com exceção de Pernetty. O método científico estabelecido por Carl Linné visava classificar as plantas da terra, fossem elas conhecidas ou não, a partir de seu sistema reprodutivo. Este método, que estabeleceu o latim como a língua a ser utilizada para a nomenclatura, se difundiu por toda a Europa na segunda metade do século XVIII. Pernetty, como estudioso da história natural, provavelmente conhecia o método, mas se absteve de utilizá-lo em seu relato. Seria por que ele não concordava com este método ou por que ele ainda era restrito aos círculos científicos e seu texto tinha o

objetivo de ser lido por pessoas que não faziam parte dele? O método de Linné, juntamente com o estudo da botânica, difundiu-se na sociedade burguesa européia no final do século XVIII e no século XIX. Na França revolucionária, a botânica tornou-se a ciência mais representativa, uma vez que o “culto a natureza encetado pelas Sociedades Lineanas que se difundiram pela Europa, inspiravam a idéia de uma educação naturalista, baseada nas leis naturais em oposição ao dogma religioso” (CARNEIRO, 1999: 7). Já em relação à numeração utilizada por Saint-Hilaire, não temos certeza, mas provavelmente os números remetessem a alguma obra de referência, onde os animais e as plantas encontravam-se descritos em detalhes, inclusive acompanhados por imagens.

Neste momento gostaríamos de discutir as seguintes questões: para quem esses textos, esses relatos de viagens eram escritos? Quem era o público leitor que motivava os viajantes a redigir textos contando o que viram e vivenciaram? Alguns dados são importantes para pensarmos sobre estas questões. No século XVII, o número de livros publicados cujo tema versava sobre viagem somou 1.566 títulos. No século XVIII, esse número, entre títulos franceses e estrangeiros, somou 3.540 obras. Segundo Yasmine Marcil, a prática de viajar incentiva a leitura, a escrita e a publicação dos relatos de viagem (MARCIL, 2000: 4). Durante o *Siècle des Lumières*⁹ a literatura de viagem torna-se um gênero vencedor. Nesse período a Europa redescobre as grandes viagens de circunavegação, as viagens através de outros itinerários além do “Grand Tour” e desenvolve a “viagem no quarto, sonho (devaneio, fantasia) a partir de um livro” (BOURGUET, 1990: 307). O relato de viagem permitia àqueles que não viajavam o acesso à regiões distantes, à recantos de outros continentes como a América e a África, ou seja, através da leitura, uma parcela da população européia tinha a sensação de viajar, de conhecer terras e indivíduos até pouco tempo inacessíveis.

Apesar do aumento do número de títulos publicadas entre os séculos XVII e XVIII, o que deve ter significado também o aumento

⁹ Segundo Pierre Chaunu este período vai dos anos 1680 a 1780. No entanto esse autor comenta que esta delimitação cronológica não se limita a esses anos, pois as idéias que integram o que é comumente conhecido como período das Luzes não se difundiram de forma uniforme em todas as regiões e entre diferentes grupos sociais.

no número de leitores, o público principal desse tipo de leitura era composto pelos “savants”¹⁰ e filósofos. Michèle Duchet, em seu trabalho sobre a história da antropologia francesa do século XVIII, analisa os interesses de Voltaire, De Brosses, barão d’Holbach e Turgot a partir do inventário de suas bibliotecas. Entre os livros da coleção do barão d’Holbach, que foram vendidos em 1789, encontram-se 26 títulos referentes à “História da América”, 17 obras sobre “história oriental” e 31 livros que tratam da “história asiática”. Já a coleção de Voltaire contabilizava 3.867 títulos. Desses, 133 referiam-se à literatura de viagens: 19 coletâneas, coleções ou história geral, 7 viagens ao redor do mundo, 2 livros sobre as terras austrais, 26 sobre as Índias Ocidentais (sendo que 13 eram sobre a América do Sul), 4 sobre a África, 1 sobre as “Moluques”, 8 sobre as regiões do Norte e 70 títulos sobre as Índias Orientais (16 referiam-se à China). Esse inventário mostra como a literatura sobre regiões não européias ocupava um lugar importante na biblioteca de muitos estudiosos. No entanto, devemos lembrar que o gosto literário e a curiosidade do público, em geral, são distintos das necessidades e exigências dos filósofos e dos homens das ciências. Além disso, a análise de inventários de bibliotecas particulares deixa lacunas, uma vez que seu número é muito limitado, bem como as informações recolhidas. Mas, apesar das dificuldades, a autora conclui que a listagem dos títulos permite acompanhar os debates que ocorreram entre 1750 e 1780, principalmente os que se referiam à questão da origem dos americanos, o nascimento e a diversidade das civilizações, as religiões do antigo e do novo mundo. (DUCHET, 1995: 68-74).

Para Nicole Hafid-Martin, uma característica dos leitores do *Siècle des Lumières* é que, mesmo que seu interesse seja a singularidade e o insólito, o que o aproxima do leitor da Idade Média e da Renascença, ele se caracteriza por ser menos crédulo e por exigir uma garantia de autenticidade no que está sendo relatado (HAFID-MARTIN, 1995: 61-62). Carlo Ginzburg, em seu estudo sobre Menocchio, um moleiro que viveu na região do Friuli durante o século XVI, mostra como esse indivíduo leu e se apropriou dos textos aos quais teve acesso. Mais do que ler, extraiu significado dos livros e construiu uma

¹⁰ Savant pode ser traduzido por erudito ou por cientista, quando se refere às ciências.

cosmologia que explicava o surgimento do mundo e que se contrapunha às crenças da Igreja Católica. Outro aspecto que caracteriza esse leitor é a leitura repetida. Durante sua vida, Mennochio teve acesso a poucos livros, mas esses foram lidos várias vezes. Robert Darnton analisou outro leitor. Jean Ranson era um comerciante na França setecentista, apaixonado por Rousseau. Entre os anos de 1774 e 1785 escreveu cartas a Société Typographique de Neuchâtel, editora suíça de livros franceses. Suas cartas ao editor, de quem era amigo e antigo aluno, mostram um interesse em saber notícias de *l'ami* Jean-Jacques. Rousseau vai estabelecer uma nova relação entre o autor e seu leitor. E essa relação foi correspondida por Ranson, como mostram suas cartas ao editor. Comentários sobre sua vida eram intercaladas com referências ao autor, com suas idéias sobre os deveres entre maridos e esposas, de mães e pais com seus filhos bem como sobre amamentação ao seio e o amor materno. As cartas de Ranson possuem as características estabelecidas por Rousseau para tratar das coisas da vida. A banalidade foi substituída pela seriedade e pela moralidade. As cartas tinham um tom íntimo e sentimental. Segundo Darnton, com a obra *La Nouvelle Héloïse*, Rousseau ensinou o público a digerir os livros, de forma que a obra era absorvida pela vida. Seus leitores atiravam-se à leitura com uma paixão que nos é estranha.

Daniel Roche fala que as leituras de viagens tinham múltiplas utilidades. Permitiam uma aproximação do conhecido com o desconhecido, do próximo com o distante e do geral com o particular. Mas como esses textos eram lidos pelos europeus? Tanto os letrados, os escritores e filósofos, como as pessoas da sociedade buscavam nos relatos um conjunto de referências que lhes permitiam compreender ou recusar as diferenças, organizar sua capacidade para aceitar as mudanças, possibilitando-lhes integrar as novidades (ROCHE, 2003: 30-37). Travar contato com a cultura de outros povos através dos relatos permitiu o fortalecimento de uma identidade europeia. A imagem dos outros e de si mesmo vai estar presente no momento de estabelecer as bases das relações entre os grupos, sejam eles étnicos ou nacionais.

No século XVIII o relato de viagem é percebido como útil. Segundo Yasmine Marcil, esse gênero literário se firmou no decorrer do século XVII como um meio de informação e como um instrumento

de pesquisa, que permitia ao leitor ter informações do mundo. Para os filósofos é um instrumento para o desenvolvimento de uma ciência do homem e do mundo natural. A principal crítica feita aos relatos de viagens refere-se à sua veracidade. Segundo o *Dictionnaire Français* de Richelet, publicado em 1759, a maior parte dos relatos são mal escritos e cheios de exageros e de contradições. No entanto, os relatos de viagens são classificados pelas livrarias do século XVIII como história, o que confirma a percepção dominante de que o relato é um meio de conhecimento (MARCIL, 2000: 36-41). Conselhos voltados para os viajantes que porventura desejassem escrever um relato e para que esse tivesse credibilidade foram dados por Louis-Mayeul Chaudon na obra *Nouvelle Bibliothèque d'un Homme de Goût* publicado em 1777. Para ele, uma escrita simples, sem excessos e frases inúteis confirma a credibilidade de um relato (Apud MARCIL, 2000: 47). Além da forma de escrever, outros fatores que contribuem para aumentar a credibilidade de um texto de viagem são o domínio da língua e o tempo que o viajante permaneceu no local visitado. Entre os viajantes que estiveram no litoral de Santa Catarina, Langsdorff e Saint-Hilaire falavam português. O primeiro havia morado em Portugal antes de sua viagem e o segundo já estava no Brasil desde 1816, visitando e realizando estudos em outras regiões. Sobre os outros não temos informações precisas. A Expedição de Bougainville, da qual fazia parte Antoine Joseph Pernetty, utilizou como intérprete um português que havia permanecido em Paris durante quatro anos, como pajem do embaixador de Portugal na França. Esse recurso era utilizado por muitos dos estrangeiros que aqui chegavam, mas devemos salientar que o não conhecimento da língua local dificultava o contato com as pessoas e a troca de informações sobre a região. Pernetty conhecia o latim, mas, sua tentativa de conversar nesta língua com um padre franciscano, que estava presente no jantar oferecido pelo governador da Capitania de Santa Catarina¹¹, não foi bem sucedida. Segundo ele, “o bom padre ignorava esta língua, e acredito que este defeito é comum

¹¹ A capitania de Santa Catarina compreendia a Ilha de Santa Catarina, atualmente pertence ao município de Florianópolis, vilas como Laguna e São Francisco e algumas regiões do continente, como São José da Terra Firme, São Miguel, bem como outras áreas ocupadas a partir do final da década de 40 do século XVIII por colonos açorianos.

em quase todo o clero no Brasil” (PERNETTY, 1996: 82).

Os relatos de viagens têm importância distinta para os viajantes e para os cientistas viajantes. Enquanto para os primeiros ele é o resultado público da viagem, para os segundos, seu papel limita-se a ser um comentário das observações feitas e dos resultados alcançados no decorrer da viagem. Talvez isso explique o longo tempo entre a viagem e a escritura do relato de muitos dos cientistas viajantes. Para estudiosos como Saint-Hilaire era mais premente analisar o que foi coletado do que escrever um relato voltado para o público leigo. Para Nicole Hafid-Martin, o que levava os viajantes que haviam empreendido viagens científicas a escreverem seus relatos, durante o *Siècle des Lumières*, era uma combinação entre o desejo das instituições em difundir o conhecimento e o interesse cada vez maior do público por esse tipo de leitura. Para as instituições que haviam financiado a viagem, era proveitoso divulgar os resultados, uma vez que poderiam reverter em mais investimentos, sejam públicos ou privados. Para o viajante, era o reconhecimento pelo trabalho empreendido (HAFID-MARTIN, 1995: 57). Além disso, ao longo do século XVIII, a demanda do público e as aspirações dos viajantes garantiram para a literatura de viagem um grande sucesso e contribuíram para o enriquecimento das diversas disciplinas constituídas. Além desses interesses, existiam outros, como a divulgação das informações coletadas nas diferentes regiões por onde viajaram a fim de possibilitar o avanço dos estudos científicos, e mesmo intenções humanitárias. Dessa forma, é um conjunto de finalidades que vai permitir e sustentar a publicação dos relatos, e todos eles relacionados com o projeto fundamental, que é o desenvolvimento do conhecimento.

Além dos aspectos considerados, para alguns estudiosos, como Silvia Figueirôa, também devemos levar em consideração as diferenças entre textos científicos, diário de campo e relato de viagem. Enquanto o primeiro era tido como “necessariamente ‘objetivo’ e, portanto, expurgado de tudo que possa cheirar a subjetividade” (SILVA, 1997: XXXIX), os outros dois tipos de textos permitiam tratar de outros aspectos, como o cotidiano das expedições. A procedência das informações relatadas eram basicamente três: observações pessoais, testemunhos recolhidos no local e o testemunho dos viajantes anteriores. Muitas vezes, o autor fazia correções nas informações

divulgadas por algum de seus antecessores. Já no que se refere ao conhecimento dos habitantes locais este era re-elaborado de forma a se adaptar aos cânones científicos desenvolvidos e utilizados pelos viajantes.

Os cientistas viajantes são um grupo específico dentro do imenso conjunto de viajantes. Pela sua formação, pelos objetivos de suas viagens e pela sua inserção na sociedade européia. Escreveram sobre a natureza local, falaram sobre as especificidades e dificuldades do trabalho que estavam realizando, descreveram as vilas, os homens e mulheres que viviam na região, a forma como a sociedade se organizava e muitos outros aspectos. Uma das dificuldades dessa fonte, o relato de viagem, é contraditoriamente a riqueza e a quantidade de informações registradas pelos viajantes sobre os mais diversos temas. Os seus olhares percorriam, encantados, surpresos, chocados ou indignados, inúmeros aspectos da região que estava sendo explorada. Mesmo quando o relato foi escrito muitos anos após a viagem, sua escrita acompanhava o olhar disperso que buscava contemplar a totalidade do que era visto e sentido. Os viajantes escreveram relatos onde estão registradas suas impressões e seu testemunho sobre a região visitada. Um testemunho matizado por coisas lidas, moldado pela distância social e cultural, que muitas vezes diz mais sobre quem escreveu do que propriamente nos permite desvelar as características do grupo que estava sendo o objeto da descrição. O testemunho dos viajantes é marcado por distâncias temporais e culturais - viajante, estrangeiro, cientista, cidadão, seja nobre ou burguês. Além disso, encontra-se na postura do observador que lança seu olhar sobre o observado, indivíduos de outras nacionalidades, com outras formas de se relacionar entre si e com o trabalho, e que vão desenvolver outras manifestações culturais e práticas cotidianas. Esses relatos foram escritos sobre informações colhidas na viagem, muitas vezes no contato do viajante com as elites locais, fossem elas administrativa, militar ou eclesiástica, e que eram seus principais interlocutores. Outra forma de conseguir informações era através da leitura de textos de outros viajantes ou mesmo de documentos oficiais, como no caso específico de Saint-Hilaire.

Para concluir, um dos aspectos que gostaria de salientar refere-se à forma como os relatos foram estruturados. As diferenças entre

eles são inúmeras, devido ao período em que foram escritos - alguns no final do século XVIII outros durante o século XIX -, a estrutura lingüística no qual foram redigidos e também as características do público que iriam consumir estes relatos, ou seja, os leitores. No entanto, apesar dessas diferenças, alguns aspectos podem ser salientados. Em primeiro lugar, os viajantes, em seus textos, reproduziam as discussões que circulavam pela Europa em relação às características da natureza e do homem americano. Deixavam explícita sua concepção sobre a natureza, apesar de muitas vezes traçarem comentários que entravam em contradição com seus referenciais. Em segundo lugar, a escrita do relato seguia uma ordem cronológica, o que permite que o leitor acompanhe os passos do viajante, dando a impressão de vivenciar com ele o contato com esta nova região. Mesmo em textos escritos anos após o final da viagem, a forma utilizada era a de um diário. Esta forma dá a falsa impressão de veracidade e cientificidade, como se o autor dissesse: estou descrevendo o que vi, foi assim que se passou. Reforça desta forma uma intenção de verdade do relato e conseqüentemente de tudo o que é relatado. Dependendo a concepção de história, as informações contidas neles são lidas de diferentes maneiras. Miriam Moreira Leite salienta sua importância como fonte de informações para a história social das populações brasileiras. A análise do discurso, os estudos sobre representação e a história do livro e da leitura ampliaram mais ainda as possibilidades de leitura e interpretação destes textos. Os relatos de viagem não podem mais ser lidos como um documento isento, mais como uma fonte que permite multiplicidades de interpretações e de estudos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELLUZZO, Ana Maria. A propósito D' o Brasil dos viajantes. *Revista USP*. São Paulo: USP, nº 1 (mar./mai. 1989).

BERTHIAUME, Pierre. *L'aventure américaine au XVIII siècle. Du voyage à l'écriture*. Ottawa: Les presses de l'université d'Ottawa, 1990.

BOURGUET, Marie-Noëlle. Le livre de voyage au siècle des Lumières. In: *Encyclopaedia Universalis: le grand atlas des littératures*. Paris: Animex Productions, devenir studio. 1990.

CARNEIRO, Henrique. As influências culturais do sistema de classificação sexual da botânica de Lineu no século XVIII. In: *Atas Seminário Internacional Dimensões da História Cultural* - Unicentro Newton Paiva, BH. 1999. Disponível em: < http://kant.fafich.ufmg.br/~scientia/art_carn.htm > Acesso em: 17 abr. 2002.

CRISTOVÃO, Fernando. Para uma teoria da Literatura de Viagens. In: CRISTOVÃO, Fernando (org.). *Condicionantes culturais da Literatura de Viagens: estudos e bibliografias*. Lisboa: Edições Cosmos, 1999.

CHORIS, Louis. In: PALMA DE HARO, Martim Afonso (org.). *Ilha de Santa Catarina: Relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX*. 4º ed.. Florianópolis: Editora da UFSC, Editora Lunardelli, 1996.

DARNTON, Robert. *O grande massacre de gatos, e outros episódios da história cultural francesa*. Tradução: Sonia Coutinho. São Paulo: Graal, 1986.

DUCHET, Michèle. *Anthropologie et histoire au siècle des Lumières*. 1º ed. 1971. Paris: Albin Michel, 1995.

FOUCAULT, Michel. *As Palavras e as Coisas*. Tradutor: Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

GINZBURG, Carlo. *O Queijo e os Vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. Tradução: Betania Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. História e natureza em von Martius: esquadrinhando o Brasil para construir a nação. *Hist. cienc. saúde – Manguinhos*. [online]. jul./out. 2000, vol. 7, nº 2 [citado 10 maio 2006], p. 391-413. Disponível na World Wide Web: http://www.scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59700200000300008&Ing=pt&nrm+iso. ISSN 0104-5970

HAFID-MARTIN, Nicole. *Voyage et connaissance au tournant des Lumières (1780-1820)*. Oxford: Voltaire Foundation, 1995.

KURY, Lorelei. Viajantes-naturalistas no Brasil oitocentista: experiência, relato e imagem. *Hist. cienc. saúde – Manguinhos*. [online]. 2001, vol. 8 supl., [citado 19 agosto 2004], p. 863-880. Disponível na World Wide Web: http://www.scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59700200000300008&Ing=pt&nrm+iso. ISSN 0104-5970

LANGSDORFF, Georg Heinrich von. In: PALMA DE HARO, Martim Afonso (org.). *Ilha de Santa Catarina: Relatos de viajantes*

estrangeiros nos séculos XVIII e XIX. 4º ed.. Florianópolis: Editora da UFSC, Editora Lunardelli, 1996.

LE HUENEN, Roland. Qu'est-ce qu'un récit de voyage? In: **LITTÉRALES.** N° 7: Les modèles du récit de voyage. Centre de Recherches du Département de Français de Paris X - Nanterre. 1990.

LISBOA, Karen Macknow. **A Nova Atlântida de Spix e Martius:** natureza e civilização na Viagem pelo Brasil (1817-1820). São Paulo: Hucitec/FAPESP, 1997.

MARCIL, Yasmine. **Recits de voyage et presse periodique au XVIII siècle de l'extrait a la critique.** Paris: École des Hautes Études en Sciences Sociales, 2000. Thèse de doctorat.

MARTINS, Luciana de Lima. **O Rio de Janeiro dos Viajantes: o olhar britânico (1800-1850).** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

MOREIRA LEITE, Miriam Lifchitz. **Livros de Viagem (1803-1900).** Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997.

PERNETTY, Antoine Joseph. In: PALMA DE HARO, Martim Afonso (org.). **Ilha de Santa Catarina: Relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX.** 4º ed.. Florianópolis: Editora da UFSC, Editora Lunardelli, 1996.

Rapport sur le voyage de M. Auguste de Saint-Hilaire dans le Brésil et les missions du Paraguay. Elaborado e assinado por Geoffroy Saint-Hilaire, Desfontaines, Latreille, Brongniart, De Jussieu e o Barão Cuvier. Paris, Imprimerie de J. Smith, 1823.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa.** Volume I. Tradução: Constança Marcondes Cesar. Campinas, SP: Papirus, 1994.

ROCHE, Daniel. **Humeurs vagabondes:** de la circulation des hommes et de l'utilité des voyages. Paris: Fayard, 2003.

ROUANET, Sérgio Paulo. O olhar iluminista. In: NOVAES, Adauto (org.). **O Olhar.** São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem a Curitiba e Província de Santa Catarina.** Prefácio Mário G. Ferri; tradução Regina Regis Junqueira. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1978.

SILVA, Danuzio Gil Bernardino da (org.) **Os Diários de Langsdorff**. Tradução: Márcia Lyra Nascimento Egg e outros. Editores: Bóris N. Komissarov e outros. Campinas: Associação Internacional de Estudos Langsdorff; Rio de Janeiro: Fiocruz, 1997. Vol. 1: Rio de Janeiro e Minas Gerais. Vol. 2: São Paulo. Vol. 3: Mato Grosso e Amazônia.

